

TRÊS DESEJOS - A VEZ E A VOZ DAS CRIANÇAS ISRAELISTAS E PALESTINIANAS

*Dentro de alguns anos, as crianças deste livro vão estar entre as pessoas que tomarão decisões sobre a trajetória dos seus países e o futuro dos seus povos.
A História não tem necessariamente de se repetir.*

*Deborah Ellis
Toronto, 2010*

ì ì ì

NORA, 12

Nora é aluna no Centro de Reabilitação para Crianças Descapacitadas Princesa Basma, uma escola na qual as crianças recebem educação académica e tratamento específico para as suas discapacidades. Os corredores e as salas de aula do edifício branco e espaçoso, construído em cimento, foram concebidos para facilitar os movimentos de crianças que usam canadianas e cadeiras de rodas. As crianças ajudam-se mutuamente dentro e fora do edifício, seja empurrando cadeiras de rodas seja oferecendo um ombro mais forte a quem dele necessita.

Nasci em Beit Safafa, a sul de Jerusalém, em território palestino. Sou Palestiniana.

Tenho três irmãos mas nenhuma irmã. Gostava de ter uma irmã. Às vezes, penso em tudo o que podíamos fazer juntas e os assuntos de que podíamos falar. Pelo menos, tenho um quarto só para mim. Como o cor-de-rosa é a minha cor favorita, tenho muitas coisas dessa cor no meu quarto.

Nasci com um problema nas pernas e andei sempre de cadeira de rodas. Movimento-me bem e as rodas funcionam como se fossem pernas.

A minha mãe não quer que eu saia sozinha, porque tem medo de que eu não possa fugir suficientemente depressa se aparecerem soldados. Tem medo de que disparem sobre mim por não sair da frente deles suficientemente depressa.

Chego quase sempre tarde às aulas, mas o meu atraso não se deve ao facto de andar de cadeira de rodas. Há um autocarro que percorre as cidades e os campos de refugiados palestinos e que recolhe as crianças que vão à escola. É suposto podermos passar nos postos de controlo sem problemas, porque temos uma autorização especial. Mesmo que esteja em vigor um recolher obrigatório, podemos sempre passar. Contudo, os soldados obrigam-nos sempre a parar. Embora já nos conheçam e vejam as mesmas

caras todas as manhãs, pedem-nos sempre a identificação. É-lhes indiferente que cheguemos tarde à escola.

Os meus avós vivem numa cidade na Cisjordânia, mas os Israelitas não nos deixam visitá-los. Embora vivam a apenas alguns quilómetros de nós, é como se vivessem longíssimo. O meu maior desejo é poder estar com eles. Há dois anos que não nos vemos.

Sei que há outras crianças no mundo que sofrem muito. São alvejadas, têm doenças, passam fome. Um dia gostaria de poder fazer algo para as ajudar. Se me fossem concedidos três desejos, gostaria de ser médica, escritora e de poder andar.

ASIF, 15

É impossível ignorar a guerra. A guerra afeta toda a gente, sejam os soldados e as suas famílias, as vítimas e as suas famílias, ou os contribuintes que pagam os impostos que financiam a guerra.

Asif mora num bairro residencial de Jerusalém Oeste com os pais e o irmão mais novo. A guerra é um tópico de conversa frequente entre ele e os amigos. Como estão apenas a alguns anos do serviço militar obrigatório, o que acontece na guerra tem um feito real e direto sobre o futuro deles.

Frequento o 10º ano.

Ser judeu em Israel significa crescer mais depressa do que os miúdos de outros países. Temos de encarar a realidade mais cedo e de estar preparados para lidar com ela. Não se trata de uma escolha que fizemos. É a realidade em que vivemos. A guerra tornou-me uma pessoa mais implicada no mundo que me rodeia.

Costumava frequentar aulas de Educação Visual juntamente com crianças palestinianas. Nunca brigámos por eles serem palestinianos e eu ser israelita. Éramos apenas miúdos a desenhar e a pintar.

Quando fizer 18 anos, vou para o exército. A lei obriga-nos a fazer serviço militar durante três anos. Algumas pessoas que discordam das políticas de Israel recusam-se a ir para o exército. Embora não concorde com tudo o que o governo faz, não vou recusar alistar-me. Mas, se me derem uma ordem de que não goste, uma ordem para fazer algo que ache errado, recusar-me-ei a executá-la. É importante proteger os palestinianos. Quero ser uma voz consciente no seio do exército e evitar que os soldados abusem dos palestinianos. Desejo desempenhar esse papel.

Algumas pessoas utilizam Deus para explicar o que fazem. Dizem frases do género “Isto é o que Deus quer que façamos” ou “Deus está do nosso lado.” O que é uma maneira fácil de dizer “Eu não sou responsável pelo que faço.” Esquecem-se de que, quando decidimos fazer algo, somos nós que temos de viver com as consequências dos nossos atos e não Deus.

Não creio que saíamos deste impasse a não ser que demos aos palestinos o seu próprio estado. É a única forma de alcançar a paz. Todos terão de ceder um pouco do que querem para ter um pouco do que desejam. Vivemos todos no mesmo lugar e nenhum dos povos vai sair daqui.

YANAL, 14

Privados quase totalmente de liberdade de movimentos, muitos jovens palestinos perdem a esperança de vir a realizar algo de positivo nas suas vidas. Alguns receberam bolsas para estudar em universidades jordanas ou noutros países, mas é-lhes negada autorização para se ausentarem.

Yanal frequenta a Escola da Esperança em Ramallah, que educa crianças palestinas desde há 35 anos. A frequência costumava ser mais elevada e incluir alunos das aldeias, mas os recolheres obrigatórios e os bloqueios de estradas tornaram impossível a deslocação dessas crianças.

Sou Palestino e vivi sempre em Ramallah. Tem um irmão e uma irmã. O meu pai é professor universitário e a minha mãe é supervisora escolar.

Metade dos alunos que frequentam a minha escola são muçulmanos e metade são cristãos. Existem muitos lugares sagrados em Jerusalém, mas não podemos visitá-los. Ser uma pessoa religiosa, seja muçulmana, cristã ou judia ou de outra denominação, significa que devemos ajudar as pessoas e transformar o mundo num lugar melhor, e não apenas pensar em nós.

As pessoas acreditam no que veem nas notícias e, como são os israelitas que controlam as notícias, as pessoas ficam a pensar que todos os palestinos são maus. Pensam que desconhecemos livros e culturas. Os israelitas precisam de combater essas mentiras que são ditas sobre nós.

Viver sob ocupação é muito difícil. Contudo, se pensarmos que não somos nada, a ocupação ser-nos-á indiferente, porque não achamos que merecemos uma vida melhor.

Alguns israelitas querem a paz. Quando algum familiar deles morre por causa da guerra, ficam tristes, tal como acontece com os palestinos a quem morre alguém nas mesmas circunstâncias. A dor torna-nos idênticos. Adoro música. Ajuda-me quando estou zangado e faz-me sentir melhor quando me sinto triste. O meu desejo é que a guerra termine e que possamos pôr o ódio de parte. Quem sabe se um dia os israelitas e os palestinos não tocarão e cantarão juntos...

MAI, 18

Em Israel, coexistem pontos de vista muito diferentes acerca da relação com os palestinos. Existem grupos que apelam à remoção completa dos palestinos da zona, enquanto grupos pacifistas trabalham no sentido de fomentar o entendimento entre ambas as partes e reduzir as tensões. As “Mulheres de Negro” são uma organização feminista criada em 1988, no seio da qual os homens também podem desempenhar um papel. Trata-se de um conceito que, entretanto, se expandiu um pouco por todo

o mundo e que é simbolizado por grupos de mulheres vestidas de negro que se reúnem em lugares públicos para levar a cabo vigílias silenciosas contra a guerra e a injustiça.

O objetivo deste grupo é o fim da guerra e da violência a todos os níveis. Algumas vigílias têm por fim protestar contra guerras regionais e crimes contra a humanidade, tais como a violação em massa e a tortura. Muitas delas centram-se na ocupação da Palestina pelos israelitas. As vigílias decorrem em silêncio e empunham-se placardes e faixas. Mesmo quando os protestos contra estas manifestações assumem a forma de gritos e insultos, como acontece com frequência em Israel quando o grupo se reúne, os vigilantes preservam um silêncio calmo e digno.

Frequento o 12º ano.

O meu pai é ator e a minha mãe escreve e dirige peças de teatro. Gostava de estudar Arte. Através da arte, todos podemos entender melhor o mundo e as pessoas.

A guerra afetou-me muito. Estou bastante envolvida em atividades que chamam a atenção para a injustiça que nos circunda e que esperam contribuir para melhorar a situação. A única maneira de alterar as coisas que estão mal é denunciá-las.

Decidi não fazer o serviço militar. É uma decisão muito difícil. A pressão para nos alistarmos é enorme, mesmo em relação às raparigas. Também é muito difícil ter amigos palestinianos. Conheci uma vez uns palestinianos de Jenin, num seminário a que assistimos juntos em Jerusalém. Achei-os muito simpáticos e afáveis. É-lhes muito difícil deixar Jenin, porque os soldados os retêm nos postos de controlo.

A minha família apoia o meu envolvimento político. Muitos dos jovens que conheço vivem nos colonatos e desaprovam o que faço. Pensam que os protestos que levamos a cabo fazem Israel parecer fraco. Eu acho que nos fazem parecer mais fortes, porque somos uma sociedade forte na qual as diferenças de opinião podem ser expressas. Também pensam que os árabes deviam ir para outros países e deixar Israel só para os judeus. Nem todos em Israel pensam assim. A maioria das pessoas apenas quer que todos vivam em paz.

Esta guerra não pode durar para sempre, mas ainda falta muito para que israelitas e palestinianos convivam em liberdade e respeito. É importante mantermo-nos em contacto uns com os outros, porque só essa convivência pode dar lugar à paz. A muralha que está a ser construída para nos separar dos palestinianos vai dificultar muito o nosso conhecimento mútuo enquanto seres humanos.

Os protestos funcionam. Ajudam a influenciar a maneira de pensar das pessoas. É bom que os outros saibam aquilo em que acreditamos. Quem sabe se acreditam no mesmo que nós e ganham coragem para o dizer ao ver-nos fazê-lo...

Deborah Ellis
Three Wishes - Palestinian and Israeli Children Speak
Toronto, Groundwood Books, 2013
(Tradução e adaptação)